

## GEORGICON I, UMA TRADUÇÃO

Sérgio Monteiro Zan\*

### NOTA INTRODUTÓRIA

*Públio Virgílio Marão [Publius Vergilius Maro] nasceu em Andes (talvez a moderna Pietole), nas cercanias de Mântua, na Gália Cisalpina, em 70 a. C., ano do primeiro consulado de Pompeu. Há, portanto, evidências de que o Poeta tivesse ascendência gaulesa. Os fatos referentes à sua vida nos foram transmitidos basicamente pelo escritor Donato [Aelius Donatus], do século IV d. C., que, por sua vez, foi colher informações em Suetônio [Gaius Suetonius Tranquillus] (c. 70-160 d. C.). Oriundo de família ligada ao campo, é possível que seu pai tenha sido agricultor, ou então, como também se supõe, oleiro. A educação fundamental de Virgílio pode ter sido levada a efeito em Cremona e em Mediolanum (Milão). Sabe-se que, mais tarde, já em Roma, estudou retórica e filosofia. Retornando à tranqüilidade e à paz da sua terra mantuana, o Poeta pôde iniciar, a partir de 43 a. C., a composição das Éclogas (Bucólicas). Constrangido, porém, a abandonar a propriedade ancestral, devido aos confiscos de terras subseqüentes à batalha de Filipos, em 41 a. C. (v. nota 60 ao livro II), obteve, graças às boas relações que mantinha com os comissários oficiais, e também a uma petição deferida por Otaviano, a autorização para voltar aos seus campos. De qualquer maneira, encontramos-lo logo em seguida refugiado na vila romana de um seu velho mestre, o filósofo epicurista Síron, e depois em residências na Campânia, em Nápoles e em Nola, usufruindo já da proteção e dos favores de Otávio Augusto, a quem fora apresentado por Mecenas. Virgílio completou e divulgou as Éclogas em 37 a. C. e, no mesmo ano, fez, acompanhado do poeta Horácio, uma viagem a Brundísio (Brindisi), porto da costa adriática da Itália. Terminadas as Geórgicas em 30 a. C., o Poeta empenhou-se, durante os anos que lhe restaram, na composição da Eneida. No seu último ano de vida, Virgílio realizou uma viagem ao Oriente, com o intuito de visitar e reconhecer muitos dos lugares e cenários que*

---

\* Universidade Estadual de Ponta Grossa

*descrevera em seus poemas. Tendo adoecido em Mêgara, regressou à Itália, para falecer na chegada a Brundísio. Era 19 a.C.*

*As Geórgicas (em latim, Georgica, “poemas agrícolas”, termo, por sua vez, proveniente do grego georgikón, “relativo à agricultura, à lavoura”) são um magnífico poema didático dividido em quatro livros de versos hexâmetros, a respeito das diferentes modalidades dos trabalhos rurais. Foi escrito na Campânia, entre 37 e 30 a. C., tendo o tema, segundo a tradição mais generalizada, sido sugerido a Virgílio pelo próprio Mecenas, a quem a obra viria a ser dedicada.*

*Conforme a lição de Paul Harvey, p. 246 (v. Bibliografia), apesar da influência sobre as Geórgicas de poetas gregos como Hesíodo, Áratos e Nicandro, bem como do sublime poeta romano Lucrécio, cujo De rerum natura fora publicado em 56 a. C.,*

Virgílio comunica ao conteúdo didático das *Geórgicas* um grande encanto poético graças ao seu sentimento da luta entre o homem e as forças da natureza, à demonstração da beleza e dignidade dos trabalhos agrícolas, à capacidade de transmitir uma espécie de vida pessoal aos processos da natureza, à sua sensibilidade em relação aos animais, e finalmente às suas alusões mitológicas e de outros gêneros. O autor identifica-se fortemente com o assunto da obra (para reavivar o amor à terra, os gostos simples e as virtudes dos tempos passados), em conseqüência de seu próprio amor, muito profundo, pela natureza e pelas raízes rurais de sua juventude. Seus preceitos agrícolas provêm das tradições campestres e de escritores anteriores; sua concepção da natureza baseia-se em parte na obra de Lucrécio, mas denota um ponto de vista inteiramente diferente. Com efeito, Virgílio aceita a idéia da força e da tutela divinas, e da dependência humana em relação a um poder espiritual, que se pode propiciar mediante a piedade e a prece.

*O Livro I das Geórgicas tem por assunto as diversas maneiras de se obterem melhores colheitas, bem como a descrição dos prenúncios atmosféricos; o Livro II se ocupa do cultivo das árvores, especialmente a vinha e a oliveira; os Livros III e IV abordam respectivamente a criação de gado e a apicultura.*

*Para a preparação do texto latino dos dois primeiros livros \*, que reproduzimos na íntegra, valemo-nos em especial, e à guisa de referência, das edições do poema publicadas pela Biblioteca Universale Rizzoli, de Milão, e por Les Belles Lettres, de Paris (v. Bibliografia).*

---

\* *Georgicon II*, uma tradução deverá ser objeto de publicação futura.

## LIVRO I

1-42: *Exposição sumária do argumento geral do poema; dedicatória a Mecenas; invocação aos deuses protetores dos campos e a Otávio Augusto.* 43-70: *A seqüência dos trabalhos agrícolas, a partir da primavera: a maneira de preparar a terra para a sementeira; a maneira de arar.* 71-103: *os métodos de cultura e a natureza das diversas estações.* 104—117: *a irrigação e a drenagem dos terrenos.* 118-128: *A Idade Áurea anterior a Júpiter; a lei divina da obrigatoriedade do trabalho.* 129-146: *A descoberta das várias artes, como consequência positiva do trabalho.* 147—175: *A arte de lavrar a terra, ensinada aos homens por Ceres; os instrumentos agrícolas e a importância particular do arado.* 176-186: *A construção de uma eira.* 187-192: *A previsão do sucesso positivo ou negativo de uma colheita.* 193-203: *A forma de se obterem boas sementes.* 204-230: *A necessidade da observação das estrelas para o conhecimento do período exato propício à sementeira.* 231-256: *Digressão sobre o curso do Sol e sobre as estações.* 257-275: *Tipos de trabalho adaptados a cada estação, bem como aos dias de festa.* 276-286: *A necessidade da observação do calendário lunar.* 287-299: *Tipos de trabalhos a serem executados nas três partes do dia: manhã, tarde e noite.* 300-310: *A caça, e outras diversões apropriadas para os meses de inverno.* 311-350: *Cuidados e prevenção contra as mudanças meteorológicas.* 351-423: *As indicações de Júpiter sobre como interpretar os sinais indicativos de tempestade ou bonança.* 424-437: *Previsões a partir dos aspectos da Lua.* 438-464: *O Sol, como astro infalível enquanto anunciador do futuro.* 464—488: *Os presságios das guerras civis e o escurecimento solar que marcou o dia do assassinato de César.* 489-497: *O abatimento de Roma, por força das guerras fratricidas.* 498—514: *A esperança de que os deuses concedam a Otávio o poder de restabelecer a unidade e a concórdia.*

## P. VERGILI

### GEORGICA

#### LIBER PRIMVS

Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram  
uertere, Maecenas, ulmisque adiungere uitis  
conueniat, quae cura boum, qui cultus habendo  
sit pecori, apibus quanta experientia parcis,  
hinc canere incipiam. Vos, o clarissima mundi 5  
lumina, labentem caelo quae ducitis annum,  
Liber et alma Ceres, uestro si munere tellus  
Chaoniam pingui glandem mutauit arista  
poculaque inuentis Acheloia miscuit uuis;  
et uos, agrestum praesentia numina, Fauni, 10  
ferte simul Faunisque pedem Dryadesque puellae:  
munera uestra cano. Tuque o, cui prima frementem  
fudit equom magno tellus percussa tridenti,  
Neptune, et cultor nemorum, cui pinguia Caeae  
ter centum niuei tondent dumeta iuueni; 15  
ipse, nemus linquens patrium saltusque Lycae,  
Pan, ouium custos, tua si tibi Maenala curae,  
adsis, o Tegeae, fauens; oleaeque Minerua  
inuentrix, uncique puer monstrator aratri;  
et teneram ab radice ferens, Siluane, cupressum; 20  
dique deaeque omnes, studium quibus arua tueri,  
quique nouas alitis non ullo semine fruges  
quique satis largum caelo demittitis imbrem.

Tuque adeo, quem mox quae sint habitura deorum  
 concilia incertum est, urbisne inuisere, Caesar, 25  
 terrarumque uelis curam, et te maximus orbis  
 auctorem frugum tempestatumque potentem  
 accipiat, cingens materna tempora myrto,  
 an deus immensi uenias maris ac tua nautae  
 numina sola colant, tibi seruiat ultima Thule 30  
 teque sibi generum Tethys emat omnibus undis,  
 anne nouom tardis sidus te mensibus addas,  
 qua locus Erigonen inter Chelasque sequentis  
 panditur (ipse tibi iam bracchia contrahit ardens  
 Scorpios et caeli iusta plus parte reliquit): 35  
 quidquid eris (nam te nec sperant Tartara regem,  
 nec tibi regnandi ueniat tam dira cupido,  
 quamuis Elysios miretur Graecia campos,  
 nec repetita sequi curet Proserpina matrem),  
 da facilem cursum atque audacibus adnue coeptis, 40  
 ignarosque uiae mecum miseratus agrestis  
 ingredi et uotis iam nunc adsuesce uocari.  
 Vere nouo, gelidus canis cum montibus umor  
 liquitur et Zephyro putris se glaeba resoluit,  
 depresso incipiat iam tum mihi taurus aratro 45  
 ingemere, et sulco adtritrus splendescere uomer.  
 Illa seges demum uotis respondet auari  
 agricolae, bis quae solem, bis frigora sensit;  
 illius immensae ruperunt horrea messes.  
 Ac prius ignotum ferro quam scindimus aequor, 50  
 uentos et uarium caeli praediscere morem  
 cura sit ac patrios cultusque habitusque locorum,  
 et quid quaeque ferat regio et quid quaeque recuset.  
 Hic segetes, illic ueniunt felicius uuae,  
 arborei fetus alibi atque iniussa uirescunt 55  
 gramina. Nonne uides croceos ut Tmolus odores,  
 India mittit ebur, molles sua tura Sabaei,  
 at Chalybes nudi ferrum uirosaue Pontus  
 castorea, Eliadum palmas Epiros equarum?  
 Continuo has leges aeternaue foedera certis 60

imposuit natura locis, quo tempore primum  
 Deucalion uacuom lapides iactauit in orbem,  
 unde homines nati, durum genus. Ergo age, terrae  
 pingue solum primis extemplo a mensibus anni  
 fortes inuertant tauri, glaebasque iacentis 65  
 puluerulenta coquat maturis solibus aestas;  
 at si non fuerit tellus fecunda, sub ipsum  
 Arcturum tenui sat erit suspendere sulco:  
 illic, officiant laetis ne frugibus herbae,  
 hic, sterilem exiguus ne deserat umor harenam. 70  
 Alternis idem tonsas cessare noualis,  
 et segnem patiēre situ durescere campum;  
 aut ibi flaua seres mutato sidere farra,  
 unde prius laetum siliqua quassante legumen  
 aut tenuis fetus uiciae tristisque lupini 75  
 sustuleris fragilis calamos siluamque sonantem.  
 Vrit enim lini campum seges, urit auenae,  
 urunt Lethaeo perfusa papauera somno.  
 Sed tamen alternis facilis labor; arida tantum  
 ne saturare fimo pingui pudeat sola, neue 80  
 effetos cinerem immundum iactare per agros.  
 Sic quoque mutatis requiescunt fetibus arua,  
 nec nulla interea est inaratae gratia terrae.  
 Saepe etiam sterilis incendere profuit agros,  
 atque leuem stipulam crepitantibus urere flammis: 85  
 siue inde occultas uiris et pabula terrae  
 pinguia concipiunt, siue illis omne per ignem  
 excoquitur uitium atque exsudat inutilis umor,  
 seu pluris calor ille uias et caeca relaxat  
 spiramenta, nouas ueniat qua sucus in herbas, 90  
 seu durat magis uias et uenas adstringit hiantis,  
 ne tenues pluuiāe rapidiue potentia solis  
 acrior aut Boreae penetrabile frigus adurat.  
 Multum adeo, rastris glaebas qui frangit inertis  
 uimineasque trahit cratis, iuuat arua, neque illum 95  
 flaua Ceres alto nequiquam spectat Olympo;  
 et qui, proscisso quae suscitāt aequore terga,

rursus in obliquom uerso perrumpit aratro  
 exercetque frequens tellurem atque imperat aruis.

Vmida solstitia atque hiemes orate serenas, 100  
 agricolae; hiberno laetissima puluere farra,  
 laetus ager: nullo tantum se Mysia cultu  
 iactat et ipsa suas mirantur Gargara messis.  
 Quid dicam, iacto qui semine comminus arua  
 insequitur cumulosque ruit male pinguis harenae, 105  
 deinde satis fluuium inducit riuosque sequentis  
 et, cum exustus ager morientibus aestuat herbis,  
 ecce supercilio cliuosi tramitis undam  
 elicit? Illa cadens raucum per leuia murmur  
 saxa ciet scatebrisque arentia temperat arua. 110  
 Quid qui, ne grauidis procumbat culmus aristis,  
 luxuriam segetum tenera depascit in herba,  
 cum primum sulcos aequant sata, quique paludis  
 collectum umorem bibula deducit harena?  
 Praesertim incertis si mensibus amnis abundans 115  
 exit et obducto late tenet omnia limo,  
 unde cauae tepido sudant umore lacunae.  
 Nec tamen, haec cum sint hominumque bouumque labores  
 uersando terram experti, nihil improbus anser  
 Strymoniaeque grues et amaris intiba fibris 120  
 officiunt aut umbra nocet. Pater ipse colendi  
 haud facilem esse uiam uoluit primusque per artem  
 mouit agros, curis acuens mortalia corda,  
 nec torpere graui passus sua regna ueterno.  
 Ante Iouem nulli subigebant arua coloni; 125  
 ne signare quidem aut partiri limite campum  
 fas erat: in medium quaerebant; ipsaque tellus  
 omnia liberius, nullo poscente, ferebat.  
 Ille malum uirus serpentibus addidit atris  
 praedarique lupos iussit pontumque moueri 130  
 mellaque decussit foliis ignemque remouit  
 et passim riuis currentia uina repressit,  
 ut uarias usus meditando extunderet artis  
 paulatim et sulcis frumenti quaereret herbam

et silicis uenis abstrusum excuderet ignem.	135
Tunc alnos primum fluuii sensere cauatas; nauita tum stellis numeros et nomina fecit, Pleiadas, Hyadas, claramque Lycaonis Arcton; tum laqueis captare feras et fallere uisco	
inuentum et magnos canibus circumdare saltus; atque alius latum funda iam uerberat amnem alta petens, pelagoque alius trahit umida lina; tum ferri rigor, atque argutae lammina serrae (nam primi cuneis scindebant fissile lignum), tum uariae uenere artes: labor omnia uicit	140
improbis, et duris urgens in rebus egestas.	145
Prima Ceres ferro mortalis uertere terram instituit, cum iam glandes atque arbuta sacrae deficerent siluae et uictum Dodona negaret. Mox et frumentis labor additus, ut mala culmos	150
esset robigo sequisque horreret in aruis carduos: intereunt segetes, subit aspera silua, lappaeque tribolique, interque nitentia culta infelix lolium et steriles dominantur auenae. Quod nisi et assiduis herbam insectabere rastris	155
et sonitu terrebis auis et ruris opaci falce premes umbras uotisque uocaueris imbrem, heu! magnum alterius frustra spectabis aceruom concussaue famem in siluis solabere quercu.	
Dicendum et quae sint duris agrestibus arma, quis sine nec potuere seri nec surgere messes: uomis et inflexi primum graue robur aratri tardaque Eleusinae matris uoluentia plaustra tribulaque traheaeque et iniquo pondere rastris;	160
uirgea praeterea Celei uilisque supellex, arbutae crates et mystica uannus Iacchi: omnia quae multo ante memor prouisa repones, si te digna manet diuini gloria ruris.	165
Continuo in siluis magna ui flexa domatur in burim et curui formam accipit ulmus aratri. Huic ab stirpe pedes temo protentus in octo,	170

binae aures, duplici aptantur dentalia dorso;  
 caeditur et tilia ante iugo leuis altaque fagus  
 stiuaque, quae currus a tergo torqueat imos,  
 et suspensa focus explorat robora fumus. 175  
 Possum multa tibi ueterum praecepta referre,  
 ni refugis tenuisque piget cognoscere curas.  
 Area cum primis ingenti aequanda cylindro  
 et uertenda manu et creta solidanda tenaci,  
 ne subeant herbae neu puluere uicta fatiscat, 180  
 tum uariae inludant pestes: saepe exiguus mus  
 sub terris posuitque domos atque horrea fecit,  
 aut oculis capti fodere cubilia talpae,  
 inuentusque cauis bufo et quae plurima terrae  
 monstra ferunt, populatque ingentem farris aceruom 185  
 curculio atque inopi metuens formica senectae.  
 Contemplator item, cum se nux plurima siluis  
 induet in florem et ramos curuabit olentis:  
 si superant fetus, pariter frumenta sequentur,  
 magnaque cum magno ueniet tritura calore; 190  
 at si luxuria foliorum exuberat umbra,  
 nequiquam pinguis palea teret area culmos.  
 Semina uidi equidem multos medicare serentis  
 et nitro prius et nigra perfundere amurca,  
 grandior ut fetus siliquis fallacibus esset 195  
 et quamuis igni exiguo properata maderent.  
 Vidi lecta diu et multo spectata labore  
 degenerare tamen, ni uis humana quotannis  
 maxima quaeque manu legeret. Sic omnia fatis  
 in peius ruere ac retro sublapsa referri! 200  
 Non aliter quam qui aduerso uix flumine lembum  
 remigiis subigit, si bracchia forte remisit  
 atque illum in praeceps prono rapit alueus amni.  
 Praeterea tam sunt Arcturi sidera nobis  
 Haedorumque dies seruandi et lucidus Anguis, 205  
 Pontus et ostriferi fauces temptantur Abydi.  
 Libra dies somnique pares ubi fecerit horas  
 et medium luci atque umbris iam diuidit orbem,  
 exercete, uiri, tauros, serite hordea campis 210

usque sub extremum brumae intractabilis imbrem.  
 Nec non et lini segetem et Cereale papauer  
 tempus humo tegere et iamdudum incumbere aratris,  
 dum sicca tellure licet, dum nubila pendent.

Vere fabis satio; tum te quoque, medica, putres 215  
 accipiunt sulci, et milio uenit annua cura,  
 candidus auratis aperit cum cornibus annum  
 Taurus et auerso cedens Canis occidit astro.

At si triticeam in messem robustaque farra  
 exercebis humum solisque instabis aristas, 220  
 ante tibi Eoae Atlantides abscondantur  
 Gnosiaque ardentis decedat stella Coronae,  
 debita quam sulcis committas semina quamque  
 inuitae properes anni spem credere terrae.

Multi ante occasum Maiiae coepere; sed illos 225  
 exspectata seges uanis elusit auenis.

Si uero uiciamque seres uilemque phaselum  
 nec Pelusiaca curam aspernabere lentis,  
 haud obscura cadens mittet tibi signa Bootes;  
 incipe et ad medias sementem extende pruinas. 230

Idcirco certis dimensum partibus orbem  
 per duodena regit mundi sol aureus astra.  
 Quinque tenent caelum zonae: quarum una corusco  
 semper sole rubens et torrida semper ab igni;  
 quam circum extremae dextra laeuaque trahuntur 235  
 caeruleae glacie concretae atque imbribus atris;  
 has inter mediamque duae mortalibus aegris  
 munere concessae diuom, et uia secta per ambas,  
 obliquos qua se signorum uerteret ordo.

Mundus, ut ad Scythiam Rhiphaeasque arduos arcis 240  
 consurgit, premitur Libyae deuexus in Austros.  
 Hic uertex nobis semper sublimis; at illum  
 sub pedibus Styx atra uidet Manesque profundi.  
 Maximus hic flexu sinuoso elabitur Anguis  
 circum perque duas in morem fluminis Arctos, 245  
 Arctos Oceani metuentis aequore tingi.  
 Illic, ut perhibent, aut intempesta silet nox

semper et obtenta densentur nocte tenebrae,  
 aut redit a nobis Aurora diemque reducit;  
 nosque ubi primus equis Oriens adflavit anhelis, 250  
 illic sera rubens accendit lumina Vesper.  
 Hinc tempestates dubio praediscere caelo  
 possumus, hinc messisque diem tempusque serendi,  
 et quando infidum remis impellere marmor  
 conueniat, quando armatas deducere classis 255  
 aut tempestiuam siluis euertere pinum.  
 Nec frustra signorum obitus speculamur et ortus  
 temporibusque parem diuersis quattuor annum.  
 Frigidus agricolam si quando continet imber,  
 multa, forent quae mox caelo properanda sereno, 260  
 maturare datur: durum procudit arator  
 uomeris obtusi dentem, cauat arbore lintris;  
 aut pecori signum aut numeros impressit aceruis.  
 Exacuont alii uallos furcasque bicornis  
 atque Amerina parant lentae retinacula uiti. 265  
 Nunc facilis rubea texatur fiscina uirga;  
 nunc torrete igni fruges, nunc frangite saxo.  
 Quippe etiam festis quaedam exercere diebus  
 fas et iura sinunt: riuos deducere nulla  
 religio uetuit, segeti praetendere saepem, 270  
 insidias auibus moliri, incendere uepres  
 balantumque gregem fluuio mersare salubri.  
 Saepe oleo tardi costas agitator aselli  
 uilibus aut onerat pomis, lapidemque reuertens  
 incusum aut atrae massam picis urbe reportat. 275  
 Ipsa dies alios alio dedit ordine Luna  
 felicitis operum. Quintam fuge: pallidus Orcus  
 Eumenidesque satae; tum partu Terra nefando  
 Coeumque Iapetumque creat saeuomque Typhoea  
 et coniuratos caelum rescindere fratres. 280  
 Ter sunt conati imponere Pelio Ossam  
 scilicet, atque Ossae frondosum inuoluere Olympum;  
 ter Pater exstructos disiecit fulmine montis.  
 Septima post decimam felix et ponere uitem

et prensos domitare boues et licia telae addere; nona fugae melior, contraria furtis.	285
Multa adeo gelida melius se nocte dedere, aut cum sole nouo terras irrorat Eous. Nocte leues melius stipulae, nocte arida prata tondentur; noctis lentus non deficit umor.	290
Et quidam seros hiberni ad luminis ignis peruigilat ferroque faces inspicat acuto. Interea longum cantu solata laborem arguto coniunx percurrit pectine telas aut dulcis musti Volcano decoquit umorem et foliis undam trepidi despumat aheni.	295
At rubicunda Ceres medio succiditur aestu et medio tostas aestu terit area fruges. Nudus ara, sere nudus: hiems ignaua colono. Frigoribus parto agricolae plerumque fruuntur mutuaque inter se laeti conuiuia curant.	300
Inuitat genialis hiems curasque resoluit, ceu pressae cum iam portum tetigere carinae puppibus et laeti nautae imposuere coronas. Sed tamen et quernas glandes tum stringere tempus et lauri bacas oleamque cruentaque myrta; tum gruibus pedicas et retia ponere ceruis auritosque sequi lepores, tum figere dammas stuppea torquentem Balearis uerbera fundae, cum nix alta iacet, glaciem cum flumina trudunt.	305
Quid tempestates autumnii et sidera dicam atque, ubi iam breuiorque dies et mollior aestas, quae uigilanda uiris, uel cum ruit imbriferum uer, spicea iam campis cum messis inhorruit et cum frumenta in uiridi stipula lactentia turgent?	310
Saepe ego, cum flauis messorum induceret aruis agricola et fragili iam stringeret hordea culmo, omnia uentorum concurrere proelia uidi, quae grauidam late segetem ab radicibus imis sublimem expulsam eruerent, ita turbine nigro ferret hiems culmumque leuem stipulasque uolantis.	315
	320

Saepe etiam immensum caelo uenit agmen aquarum  
 et foedam glomerant tempestatem imbribus atris  
 collectae ex alto nubes; ruit arduos aether  
 et pluua ingenti sata laeta boumque labores 325  
 diluit; implentur fossae et caua flumina crescunt  
 cum sonitu feruetque fretis spirantibus aequor.  
 Ipse Pater media nimborum in nocte corusca  
 fulmina molitur dextra, quo maxima motu  
 terra tremit, fugere ferae, et mortalia corda 330  
 per gentis humilis strauit pauor; ille flagranti  
 aut Atho aut Rhodopen aut alta Ceraunia telo  
 deicit; ingeminant Austri et densissimus imber;  
 nunc nemora ingenti uento, nunc litora plangunt.  
 Hoc metuens caeli mensis et sidera serua: 335  
 frigida Saturni sese quo stella receptet,  
 quos ignis caelo Cyllenius erret in orbis.  
 In primis uenerare deos atque annua magnae  
 sacra refer Cereri laetis operatus in herbis,  
 extremae sub casum hiemis, iam uere sereno. 340  
 Tum pingues agni et tum mollissima uina;  
 tum somni dulces densaeque in montibus umbrae.  
 Guncta tibi Cererem pubes agrestis adoret;  
 quoi tu lacte fauos et miti dilue Baccho;  
 terque nouas circum felix eat hostia fruges, 345  
 omnis quam chorus et socii comitentur ouantes  
 et Cererem clamore uocent in tecta; neque ante  
 falcem maturis quisquam supponat aristas,  
 quam Cereri torta redimitus tempora quercu  
 det motus incompósitos et carmina dicat. 350  
 Atque haec ut certis possemus discere signis,  
 aestusque pluuiasque et agentis frigora uentos,  
 ipse Pater statuit quid menstrua Luna moneret,  
 quo signo caderent Austri, quid saepe uidentes  
 agricolae propius stabulis armenta tenerent. 355  
 Continuo uentis surgentibus aut freta ponti  
 incipiunt agitata tumescere et aridus altis  
 montibus audiri fragor aut resonantia longe

litora misceri et nemorum increbrescere murmur. Iam sibi tum curuis male temperat unda carinis, cum medio celeres reuolant ex aequore mergi clamoremque ferunt ad litora cumque marinae in sicco ludunt fulicae notasque paludes deserit atque altam supra uolat ardea nubem. Saepe etiam stellas uento impendente uidebis praecipites caelo labi noctisque per umbram flammarum longos a tergo albescere tractus; saepe leuem paleam et frondis uolitare caducas aut summa nantis in aqua colludere plumas.	360
At Boreae de parte trucis cum fulminat et cum Eurique Zephyrique tonat domus, omnia plenis rura natant fossis, atque omnis nauita ponto umida uela legit. Numquam imprudentibus imber obfuit: aut illum surgentem uallibus imis aeriae fugere grues, aut bucula caelum suspiciens patulis captauit naribus auras, aut arguta lacus circumuolitauit hirundo et ueterem in limo ranae cecinere querellam. Saepius et tectis penetralibus extulit oua angustum formica terens iter, et bibit ingens arcus, et e pastu decedens agmine magno coruorum increpuit densis exercitus alis. Iam uariae pelagi uolucres et quae Asia circum dulcibus in stagnis rimantur prata Caystri, certatim largos umeris infundere rores, nunc caput obiectare fretis, nunc currere in undas et studio incassum uideas gestire lauandi. Tum cornix plena pluuiam uocat improba uoce et sola in sicca secum spatiat harena. Ne nocturna quidem carpentes pensa puellae nesciuere hiemem, testa cum ardente uiderent scintillare oleum et putris concreescere fungos. Nec minus ex imbri soles et aperta serena prospicere et certis poteris cognoscere signis. Nam neque tum stellis acies obtusa uidetur	370 375 380 385 390 395

nec fratris radiis obnoxia surgere Luna  
 tenuia nec lanae per caelum uellera ferri;  
 non tepidum ad solem pennas in litore pandunt  
 dilectae Thetidi alcyones, non ore solutos  
 immundi meminere sues iactare maniplos. 400  
 At nebulae magis ima petunt campoque recumbunt,  
 solis et occasum seruans de culmine summo  
 nequiquam seros exercet noctua cantus.  
 Apparet liquido sublimis in aere Nisus,  
 et pro purpureo poenas dat Scylla capillo; 405  
 quacumque illa leuem fugiens secat aethera pinnis,  
 ecce inimicus atrox magno stridore per auras  
 insequitur Nisus; qua se fert Nisus ad auras,  
 illa leuem fugiens raptim secat aethera pinnis.  
 Tum liquidas corui presso ter gutture uoces 410  
 aut quater ingeminant et saepe cubilibus altis  
 nescio qua praeter solitum dulcedine laeti  
 inter se in foliis strepitant; iuuat imbribus actis  
 progeniem paruam dulcisque reuisere nidos.  
 Haud equidem credo, quia sit diuinitus illis 415  
 ingenium aut rerum fato prudentia maior;  
 uerum, ubi tempestas et caeli mobilis umor  
 mutauere uias, et Iuppiter uuidus Austris  
 denset, erant quae rara modo, et, quae densa, relaxat,  
 uertuntur species animorum, et pectora motus 420  
 nunc alios, alios dum nubila uentus agebat,  
 concipiunt; hinc ille auium concentus in agris  
 et laetae pecudes et ouantes gutture corui.  
 Si uero solem ad rapidum lunasque sequentis  
 ordine respicies, numquam te crastina fallat 425  
 hora, neque insidiis noctis capiere serena.  
 Luna reuertentis cum primum colligit ignis,  
 si nigrum obscuro comprehenderit aera cornu,  
 maximus agricolis pelagoque parabitur imber;  
 at si uirgineum suffuderit ore ruborem, 430  
 uentus erit; uento semper rubet aurea Phoebe.  
 Sin ortu quarto (namque is certissimus auctor)

pura neque obtusis per caelum cornibus ibit,  
 totus et ille dies et qui nascentur ab illo  
 exactum ad mensem pluuia uentisque carebunt, 435  
 uotaque seruati soluent in litore nautae  
 Glauco et Panopeae et Inoo Melicertae.  
 Sol quoque et exoriens et cum se condet in undas  
 signa dabit; solem certissima signa sequuntur,  
 et quae mane refert et quae surgentibus astris. 440  
 Ille ubi nascentem maculis uariauerit ortum  
 conditus in nubem medioque refugerit orbe,  
 suspecti tibi sint imbres; namque urget ab alto  
 arboribusque satisque Notus pecorique sinister.  
 Aut ubi sub lucem densa inter nubila sese 445  
 diuersi rumpent radii, aut ubi pallida surget  
 Tithoni croceum linquens Aurora cubile,  
 heu! male tum mitis defendet pampinus uuas:  
 tam multa in tectis crepitans salit horrida grando.  
 Hoc etiam, emenso cum iam decedit Olympo, 450  
 profuerit meminisse magis: nam saepe uidemus  
 ipsius in uoltu uarios errare colores:  
 caeruleus pluuiam denuntiat, igneus Euros.  
 Sin maculae incipient rutilo immiscerier igni,  
 omnia tum pariter uento nimisque uidebis 455  
 feruere. Non illa quisquam me nocte per altum  
 ire neque a terra moueat conuellere funem.  
 At si, cum referetque diem condetque relatum,  
 lucidus orbis erit, frustra terreberere nimbis  
 et claro siluas cernes Aquilone moueri. 460  
 Denique, quid Vesper serus uehat, unde serenas  
 uentus agat nubes, quid cogitet umidus Auster,  
 sol tibi signa dabit. Solem quis dicere falsum  
 audeat? Ille etiam caecos instare tumultus  
 saepe monet fraudemque et operata tumescere bella. 465  
 Ille etiam extincto miseratus Caesare Romam,  
 cum caput obscura nitidum ferrugine textit  
 impiaque aeternam timuerunt saecula noctem.  
 Tempore quamquam illo tellus quoque et aequora ponti

obscenaeque canes importunaeque uolucres 470  
 signa dabant. Quotiens Cyclopum efferuere in agros  
 uidimus undantem ruptis fornacibus Aetnam  
 flammaramque globos liquefactaque uoluere saxa!  
 Armorum sonitum toto Germania caelo  
 audiit; insolitis tremuerunt motibus Alpes. 475  
 Vox quoque per lucos uolgo exaudita silentis  
 ingens, et simulacra modis pallentia miris  
 uisa sub obscurum noctis pecudesque locutae  
 (infandum!); sistunt amnes terraeque dehiscunt  
 et maestum illacrimat templis ebur aeraque sudant. 480  
 Proluit insano contorquens uertice siluas  
 fluuiorum rex Eridanus camposque per omnis  
 cum stabulis armenta tulit. Nec tempore eodem  
 tristibus aut extis fibrae apparere minaces  
 aut puteis manare cruor cessauit, et altae 485  
 per noctem resonare lupis ululantibus urbes.  
 Non alias caelo ceciderunt plura sereno  
 fulgura nec diri toties arsere cometae.  
 Ergo inter sese paribus concurrere telis  
 Romanas acies iterum uidere Philippi; 490  
 nec fuit indignum superis bis sanguine nostro  
 Emathiam et latos Haemi pinguescere campos.  
 Scilicet et tempus ueniet, cum finibus illis  
 agricola, incuruo terram molitus aratro,  
 exesa inueniet scabra robigine pila 495  
 aut grauibus rastris galeas pulsabit inanis  
 grandiaque effossis mirabitur ossa sepulcris.  
 Di patrii, Indigetes et Romule Vestaque mater,  
 quae Tuscum Tiberim et Romana Palatia seruas,  
 hunc saltem euerso iuuenem succurrere saeclo 500  
 ne prohibete! Satis iam pridem sanguine nostro  
 Laomedontae luimus periuria Troiae.  
 Iam pridem nobis caeli te regia, Caesar,  
 inuidet atque hominum queritur curare triumphos,  
 quippe ubi fas uersum atque nefas: tot bella per orbem, 505  
 tam multae scelerum facies; non ullus aratro

dignus honos; squalent abductis arua colonis  
et curuae rigidum falces conflantur in ense.  
Hinc mouet Euphrates, illinc Germania bellum;  
uicinae ruptis inter se legibus urbes  
arma ferunt; saeuit toto Mars impius orbe:  
ut, cum carceribus sese effudere quadrigae,  
addunt in spatia et frustra retinacula tendens  
fertur equis auriga neque audit currus habenas.

510

## P. VIRGÍLIO

### GEÓRGICAS

#### LIVRO PRIMEIRO

O que faz ricas as colheitas, sob que signo, Mecenas<sup>1</sup>, é conveniente revolver a terra e unir as vinhas aos olmeiros; que atenção esperam os bois, qual cuidado requer a criação das ovelhas, quanta experiência exigem as econômicas abelhas, eis o

5 que aqui começarei a cantar. Vós, ó claríssimos lumes do mundo, que guiais pelo céu a fuga do ano; vós, Líber<sup>2</sup> e Ceres<sup>3</sup> propícia, pois que, graças ao vosso dom, a terra substituiu a glande da Caônia<sup>4</sup> pela pesada espiga, e misturou à bebida do Aquelôo<sup>5</sup> o

10 sumo das uvas que descobristes; e vós, Faunos<sup>6</sup>, divindades tutelares dos campônios, dirigi até aqui os vossos passos, ó Faunos, e também vós, ó jovens Dríades<sup>7</sup>: são os vossos dons que eu canto. E tu que, golpeando a terra com teu grande tridente, fizeste brotar dela, fremindo, pela vez primeira, o cavalo, ó

15 Netuno<sup>8</sup>; e tu, habitante dos bosques, para quem trezentos novilhos brancos tosam as fecundas matas de Cea<sup>9</sup>; e tu mesmo, Pã<sup>10</sup>, guardião de carneiros, deixando o bosque de tua pátria e as clareiras do Liceu<sup>11</sup>, se te é caro o teu Mênalos<sup>12</sup>, vem assistir-me e favorecer-me, ó Tegeu<sup>13</sup>; e tu, Minerva<sup>14</sup>, criadora da oliveira; e

20 tu, moço<sup>15</sup>, divulgador do curvo arado; e Silvano<sup>16</sup>, que trazes pela raiz o jovem cipreste; e vós todos, deuses e deusas, que vos ocupais de proteger os campos, que nutris as ervas novas espontaneamente nascidas, e que fazeis tombar chuva abundante sobre as sementeiras.

25 E tu, ó César<sup>17</sup>, que hás de um dia assentar-te não sei em  
 que conselhos divinos, quererás tu visitar as cidades e tomar conta das  
 terras, e o vasto universo te acolherá como pai das colheitas e senhor  
 das estações, e o mirto materno te cingirá a fronte? Ou te tornarás o  
 30 deus do mar imenso, e os navegantes venerarão somente  
 a tua divindade e a ti servirá a última Tule<sup>18</sup>? E Tétis<sup>19</sup>, a preço de  
 todas as suas ondas, te conquistará como genro? Ou então virás,  
 como nova constelação, alinhar-te na esteira dos lentos meses, no  
 espaço que se abre entre Erígone<sup>20</sup> e as Pinças<sup>21</sup> que a seguem (já  
 o ardente Escorpião<sup>22</sup> para ti retrai espontaneamente os  
 35 braços e te deixa uma parte amplíssima de céu)? Qualquer que seja  
 tua missão celeste, uma vez que o Tártaro<sup>23</sup> não te espera como rei,  
 nem tu serias inclinado a um desejo de reinar de tal forma sinistro, se  
 bem que a Grécia admire os Campos Elísios<sup>24</sup>, e Prosérpina<sup>25</sup>, ainda  
 que reclamada, não se preocupe em seguir  
 40 a mãe, concede-me um caminho viável, favorece a minha audaz  
 empresa, e, compadecido, assim como eu, dos camponeses  
 desorientados, guia-os, e desde agora habitua-te a ser invocado nos  
 votos.

Na primavera, quando o gelo fundido escorre das brancas mon-  
 tanhas, e quando o Zéfiro<sup>26</sup>, desagregando a gleba, esmigalha-a,  
 45 que o touro, sem demora, comece a gemer arrastando o arado  
 que se crava no solo, e que a relha resplenda no atrito com o sulco.  
 Uma terra não responde aos desejos do agricultor avaro, a não ser  
 que tenha provado por duas vezes o Sol e por duas vezes as  
 geadas; essa sempre fez estalarem os celeiros sob o peso de  
 colheitas superabundantes.

50 Mas, antes de fender com o ferro um campo que nos é  
 desconhecido, cuidemos de estudar previamente os ventos, o clima  
 que varia de um céu a outro, os métodos de cultura tradicionais e as  
 disposições ancestrais dos terrenos, as produções que dá cada região  
 e as que recusa. Aqui as searas obtêm melhores  
 55 resultados; lá são as uvas; acolá são as árvores frutíferas e os prados  
 naturais que verdejam. Não vês como o Tmolo<sup>27</sup> nos envia o  
 açafraão perfumado; a Índia<sup>28</sup>, o marfim; os efeminados Sabeus<sup>29</sup>, o  
 seu incenso, ao passo que os Cálibes<sup>30</sup> nos fornecem o ferro; o  
 Ponto<sup>31</sup>, o nauseabundo óleo de castor; o Epiro<sup>32</sup>, as águas  
 laureadas nas corridas da Élida? Tais são

60 as leis e as condições imutáveis que a natureza impôs a lugares  
determinados, desde o dia em que Deucalião<sup>3</sup> atirou sobre a terra  
deserta as pedras de que nasceram os homens, dura progênie. Pois  
bem, coragem! O terreno é fecundo? Que desde os  
65 primeiros meses do ano os touros robustos o revirem, e que o verão  
poeirento recoza os torrões, dispostos sob os fogos de um Sol em  
plena força. O chão, pelo contrário, carece de fecundidade? Bas-  
tará, ao levantar-se do Arcturo<sup>3</sup>, elevá-lo por meio de um traba-  
lho superficial: lá, para que as ervas não  
70 prejudiquem a prosperidade dos cereais; aqui, para que a  
areia estéril não perca o pouco de umidade que ainda retém.

A cada dois anos tu deixarás também que, após a colheita,  
os campos repousem e que a planície inativa se revigore no  
abandono; ou então semearás, à mudança da estação, a espelta  
loura, lá onde terás anteriormente colhido em abundância os  
75 legumes de casca quebradiça, os grãos miúdos da ervilhaca ou os  
caules frágeis do amargo tremoço, tufo ruidoso. Quanto à  
plantação de linho, ela queima o chão, assim como a aveia, assim  
como as papoulas impregnadas do sono leteu<sup>3</sup>. A alternância das  
culturas facilita, no entanto, o esforço da terra; apenas não te  
80 desagrada cevar de gordo adubo os solos áridos, nem espalhar  
uma cinza imunda sobre os campos esgotados. É assim que a troca  
das produções descansa as campinas, e que a terra, sem ser  
trabalhada, não fica sem adorno.

Muitas vezes também tem sido oportuno atear fogo a  
85 campos estéreis e queimar os leves restolhos em chamas  
crepitantes, para que as terras retirem daí forças escondidas e  
alimentos substanciais; ou para que o fogo elimine delas, por  
meio da cocção, toda impureza, e lhes faça exsudar uma umidade  
nociva; ou para que o calor dilate em maior número passagens e  
90 poros invisíveis, por onde a seiva chegue às plântulas novas; ou  
para que ele endureça o solo e lhe estreite os canais escancarados,  
a fim de impedir a infiltração das chuvas, os efeitos excessivos  
do Sol devorador, e a ardência penetrante do frio Bóreas<sup>3</sup>.  
Além disso, aquele que parte com o enxadão os torrões  
95 preguiçosos e que arrasta sobre eles as grades de vime faz muito  
bem às campinas, e não é em vão que a loura Ceres o contempla  
das alturas do Olimpo<sup>3</sup>; da mesma forma aquele que, sulcando a

planura, lhe suscita dorsos, e, invertendo o arado, os rompe novamente, e exercita com freqüência o terreno e comanda as campinas.

- 100       Pedi úmidos solstícios e invernos serenos, ó agricultores; abundam os grãos se o inverno for poeirento, e o campo, fértil. Nem mesmo a Mísia<sup>38</sup>, que produz incultivada, se gaba de uma tal colheita, e até mesmo o Gárgaros<sup>39</sup> se admira ante espigas maiores. Que dizer daquele que, após as sementeiras, empreende a
- 105       luta com as campinas, e abate as arestas de um solo infecundo, arenoso, e conduz depois ao terreno semeado uma água corrente e ribeiros secundários? Quando o campo queimado está em febre e sua vegetação em agonia, eis que ele faz jorrar a fonte do cimo altaneiro de um caminho em declive; a água, tombando de pedra
- 110       em pedra polida, faz ouvir um murmúrio rouco, e refresca com suas cascatas as campinas ressecadas. E que dizer daquele que apara o supérfluo do grão em erva, logo que o semeado iguala a altura dos sulcos, a fim de que os caules não venham a ceder ao peso das espigas? Ou daquele que desvia a água paludosa sobre a
- 115       areia absorvente? Sobretudo se, durante os meses variáveis, um rio em cheia transborda e recobre de uma camada de limo todo um largo espaço, deixando nas concavidades poças que exalam uma umidade tépida.

- E, no entanto, apesar de tantas fadigas de homens e de bois exercitadas ao revolver a terra, o ganso insaciável, os grous do
- 120       Estrimão<sup>40</sup>, as chicóreas de fibras amargas, a sombra nociva, podem igualmente ser funestas. O próprio Pai dos deuses não quis tornar fácil a agricultura e por primeiro fez remexer as terras com arte, aguçando com preocupações os ânimos dos mortais, não suportando que o seu império se entorpecesse numa pesada letargia.

- 125       Antes de Júpiter<sup>41</sup>, cultivadores nenhuns trabalhavam os campos; teria sido mesmo um sacrilégio fazer demarcações ou dividir o território por um limite: todas as colheitas eram em

- comum, e a terra produzia tudo por ela mesma, com a máxima liberalidade, sem ser solicitada. Júpiter deu às negras serpentes o
- 130       seu veneno atroz, quis que os lobos rapinassem, que o mar se agitasse, sacudiu das folhas o mel e escondeu o fogo e estancou o

vinho que fluía em correntezas, a fim de que a necessidade, experimentando a pouco e pouco, criasse as várias artes e procurasse a planta do trigo nos sulcos e fizesse saltar o fogo escondido nas veias da pedra. Então, pela primeira vez, os rios sentiram os amieiros cavados; então o marinheiro numerou e denominou as estrelas, Plêiades, Híades<sup>42</sup>, a Ursa resplendente de Licáon<sup>43</sup>. Aprendeu-se então a capturar as feras com laços, a iludir os pássaros com o visgo e a cercar de cães as grandes florestas. Depois um outro açoita com a tarrafa o largo rio; um outro arrasta pelo mar as suas redes úmidas. Conhece-se então a rigidez do ferro e a lâmina da serra estridente (pois os primeiros homens fendiam a madeira com cunhas); então apareceram as diferentes artes. A tudo vence o trabalho árduo, assim como a necessidade que preme nas situações adversas.

Ceres foi a primeira a ensinar os mortais a revirarem a terra com o ferro, quando já não eram suficientes as glandes e os medronhos da floresta sagrada e Dodona<sup>44</sup> recusava alimentos. Depois também o trigo conheceu o sofrimento: assim a ferrugem maligna roeu os colmos, e o cardo estéril brotou nos campos. Perecem as searas, cresce em seu lugar uma vegetação espinhosa, bardanas e tribulos, e em meio a brilhantes culturas reina o joio improdutivo e as aveias estéreis. Se, pois, não perseguires as ervas más com golpes assíduos de enxadão, se não amedrontares as aves com estrépito, e se não abateres com a foice os ramos que te sombreiam o campo, e se não invocares com orações a chuva, ai!, frustrado, verás em poder de outrem um grande acervo de grãos e terás de saciar a fome nas florestas sacudindo os carvalhos.

Ora, é preciso dizer também quais são as armas dos rudes camponeses, sem o que não se poderia semear nem poderiam as messes crescer: a relha por primeiro, e a pesada madeira do recurvo arado, e os carros da Mãe Eleusina<sup>45</sup> lentos no girar, e os cilindros de aplanar a terra, e os trenós e os enxadões de peso desigual; e além disso os humildes utensílios que Céleo<sup>46</sup> trançava com vimes, as grades de medronheiro e o crivo místico de Iaco<sup>47</sup>; e todos os objetos que muito tempo antes prepararás, caso queiras merecer a glória do campo divino.

Sem demora, toma-se na floresta um olmeiro novo que se obriga a dobrar à guisa de rabiça e a adquirir a forma de um arado

recurso; adapta-se aí, do lado da raiz, um timão de oito pés de comprimento, um par de orelhas, um dental de dorso duplo. Antes, para o jugo, corta-se também uma tília leve, e uma faixa de alta estatura para o cabo, que, por trás, permita fazer girar o trem de  
175 rodas colocado embaixo; suspendem-se essas madeiras acima da lareira, para que a fumaça prove a sua robustez.

Posso citar-te muitos preceitos dos antigos, se não te furtares entediado a aprender pequenos cuidados.

Em primeiro lugar é preciso aplanar a eira com um grande cilindro, e revirá-la com as mãos e consolidá-la com greda tenaz, a  
180 fim de que não lhe brotem ervas, nem ela se rache vencida pelo pó, nem se torne gasta por flagelos vários: muitas vezes o pequenino rato estabelece sob a terra a sua morada e aí constrói seus celeiros, ou ainda as cegas toupeiras aí cavam suas tocas; e nos buracos se encontra o sapo e os estranhos animais que a terra  
185 produz numerosos, e o gorgulho que devasta uma enorme quantidade de grãos, e a formiga que receia uma velhice indigente.

Deverás também observar quando a amendoeira nas selvas se vestir de muitíssimas flores, curvando os ramos odorosos; se as flores superabundarem, em igual medida seguirão os trigos, e, com  
190 os grandes calores, haverá uma grande debilidade; mas, se a sombra predominar com uma exuberância excessiva de folhas, a eira nada debilizará além de caules ricos em palha.

E vi muitos na sementeira medicarem as sementes, regando-as primeiro de nitro e de negro sedimento de azeite, a fim de que  
195 os frutos se tornassem maiores que os invólucros falazes, e, mesmo com escasso calor, amolecem rapidamente. Vi sementes longamente escolhidas e observadas com grande fadiga degenerarem no entanto, caso a sagacidade humana não soubesse a cada ano separar as maiores: assim, tudo fatalmente se arruína e  
200 cai e é arrastado para trás; não de outro modo, aquele que a duras penas direciona com os remos o lenho contra a correnteza, se por acaso relaxa os braços, a barca o arrasta ao precipício, no sentido das águas.

Além do mais, devemos observar a constelação do Arcturo,  
205 a época dos Cabritos<sup>48</sup> e a Hidra<sup>49</sup> luminosa, da mesma forma que o fazem aqueles que, voltando à pátria pelos mares tempestuosos, desafiam o Ponto e o estreito de Abidos<sup>50</sup>, rico de ostras.

Quando a Balança<sup>5 1</sup> tiver feito iguais as horas do dia e as do sono, e quando tiver repartido à metade o mundo entre a luz e as  
 210 sombras, ponde, ó homens, os touros sob o jugo, semeai a cevada nos campos até as primeiras chuvas do impraticável inverno. É tempo de cobrirdes com terra a semente do linho e a papoula cara a Ceres<sup>5 2</sup>, e de vos curvades sem demora sobre os arados, enquanto a terra enxuta o consente e as nuvens permanecem suspensas.

215 Pela primavera, a sementeira das favas; e a ti também, ó erva médica<sup>5 3</sup>, te acolham os sulcos macios; e eis que chega para o milho o cuidado anual, quando o cintilante Touro<sup>5 4</sup> com os cornos dourados abre o ano, e o Cão<sup>5 5</sup> se deita, cedendo ao astro que o sucede.

Mas, se trabalhares a terra com vistas a colher o trigo ou a  
 220 espelta robusta, e se não visas senão às searas de espigas, espera tramontarem no céu as orientais Atlântidas<sup>5 6</sup> e desaparecer a estrela cnóssia, da fúlgida Coroa<sup>5 7</sup>, antes de confiáres as sementes devidas aos sulcos e arriscares toda a esperança de um ano sobre  
 225 uma terra constringida. Muitos começam antes do ocaso de Maia<sup>5 8</sup>; mas a estes a messe esperada engana com caules inúteis.

Se, pelo contrário, semeares a ervilhaca e o humilde feijão, e se tampouco desprezares o cultivo das lentilhas de Pelúcio<sup>5 9</sup>,  
 230 o Boieiro<sup>6 0</sup> no ocaso te enviará claros sinais: começa e continua a sementeira até à metade do inverno.

Por isto, o áureo Sol governa a volta celeste dividida em partes precisas sobre doze figuras de astros. Cinco zonas ocupam o céu; destas, uma se avermelha sempre do Sol coruscante, sempre ardendo em fogo; em torno dessa, à direita e à esquerda, se  
 235 movem as zonas extremas, escuras, compactas de gelo e de chuvas atroztes; entre estas e a média, duas foram concedidas por dom divino aos míseros mortais: atravessa-as uma via por onde circula a ordem oblíqua das constelações. Enquanto que a abóbada celeste  
 240 se eleva em direção à Cítia<sup>6 1</sup> e aos cimos Rifeus<sup>6 2</sup>, assim também se abaixa em direção aos Austros da Líbia<sup>6 3</sup>. Este pólo está sempre no alto sobre nós; o outro, nos antípodas, vêem-no o escuro Estige<sup>6 4</sup> e os Manes<sup>6 5</sup> profundos. Num deles, coleia grandíssima a Serpente, à guisa de um rio de movimentos sinuosos, em torno e  
 245 através das duas Ursas, as Ursas temerosas de se banharem nas

250 águas do Oceano<sup>66</sup>. No outro, segundo a fama, ou silencia uma  
 noite profunda e eterna, e se estendem trevas que a plena noite  
 adensa, ou então a Aurora<sup>67</sup>, deixando-nos, aí retorna e aí  
 reconduz o dia; e, logo que o Sol nascente nos faz sentir o hálito  
 de seus cavalos ofegantes, lá abaixo a rubra Vésper<sup>68</sup> acende as  
 luzes da tarde.

255 Eis como podemos, apesar do estado incerto do céu,  
 conhecer previamente as estações, o dia e a hora de semear as  
 messes, e quando será conveniente vergastar com os remos o mar  
 infiel, e quando arrastar para a água as naves equipadas, ou ainda  
 quando abater em tempo certo os pinheiros nas florestas; e não é  
 em vão que perscrutamos o surgimento e o ocaso dos astros e  
 o ano repartido em quatro diferentes estações.

260 Sempre que a fria chuva retiver em casa o camponês,  
 poderá ele adiantar muitas coisas que, depois, com o bom tempo,  
 haveriam de precipitar-se: o trabalhador tempera o duro dente da  
 relha obtusa, escava gamelas nos troncos, ou imprime a marca ao  
 gado, o número aos acervos de grãos. Outros afiam estacas e  
 265 tanchões bicornes e preparam os liames de Améria<sup>69</sup> para as lentas  
 videiras. Ora com vergas de espinheiro se trancem cestos macios,  
 ora se tostem os grãos ao fogo, triturando-os depois com uma  
 pedra. Sim, até mesmo nas festas é lícito algum trabalho: as leis  
 humanas e divinas o consentem; nenhum vínculo impede que se  
 270 derivem riachos, que se margeiem os campos com uma sebe, que  
 se ponham armadilhas para as aves, que se queimem os espinhos,  
 que se mergulhe o rebanho de ovinos numa corrente salutar.

Muitas vezes o condutor do lento burrico carrega-o de óleo e de  
 frutos simples, e, voltando da cidade, traz de lá uma mó  
 275 trabalhada ou uma massa de negro pez. A própria Lua fez, de  
 maneira diversa, os diversos dias favoráveis aos trabalhos. Evita o  
 quinto; nele nasceram o pálido Orco<sup>70</sup> e as Eumênides<sup>71</sup>, depois,  
 com parto nefando, a Terra<sup>72</sup> gerou Ceo<sup>73</sup>, Jápeto<sup>74</sup> e o feroz  
 280 Tifeu<sup>75</sup>, e os irmãos que entre si conjuraram de forçar o céu. Por  
 três vezes tentaram sobrepor o Ossa ao Pelião<sup>76</sup>, e derrubar sobre  
 o Ossa o selvoso Olimpo. Por três vezes o Pai fulminou aquele  
 amontoado de montes. O décimo-sétimo é dia propício  
 285 a plantar a videira, capturar os novilhos e domá-los, ajuntar lissas à  
 tela; o nono é o dia mais propício à fuga, desfavorável aos furtos.

São muitas as coisas que se realizam melhor na fria noite,  
 ou quando o Oriente ao alvorecer impregna as terras de orvalho.  
 De noite se aparam melhor os talos leves e os prados secos; às  
 290 noites não falta a macia umidade. Vela algum camponês à noite, à  
 luz de uma lanterna invernal e, com um ferro afiado, talha tochas  
 em formato de espigas; sua mulher, entretanto, aliviando com uma  
 canção a fadiga de tão longa tarefa, faz correr sobre a tela o pente  
 295 que range, ou com Vulcano<sup>77</sup> adensa o suco do doce mosto, e com  
 folhas remove a espuma da fervura do caldeirão trepidante.

Mas é na plenitude do calor que a cabeleira avermelhada de  
 Ceres é cortada, é na plenitude do calor que a eira tritura as  
 espigas abrasadas. Ara nu, semeia nu; o inverno para o colono é  
 300 repouso. Durante os frios, os camponeses normalmente desfrutam  
 da colheita e entre eles preparam alegres e alternadas  
 festividades;

reúne-os o festivo inverno que dissolve as inquietudes: como  
 quando as naves carregadas tocam o porto, e alegres os  
 marinheiros dispõem guirlandas sobre as popas. Esta é,  
 305 todavia, também a estação para colher as glandes dos carvalhos, e  
 as bagas do louro, e as olivas, e o mirto sangüíneo, a estação para  
 estender laços aos groues e redes aos cervos, para perseguir as  
 lebres orelhudas, para ferir as corças girando o açoite de estopa da  
 310 funda balear<sup>78</sup>, quando a neve jaz alta e os rios arrastam o gelo.

Que dizer do clima e dos astros do outono? E, quando os  
 dias se abreviam e o calor é mais tênue, sobre que se deve vigilar?  
 Ou, ao cair da chuvosa primavera, quando já a messe se ergue  
 315 hirta sobre os campos e quando o grão sobre os verdes caules se  
 enrijece de sucros? Vi muitas vezes, no momento em que o  
 camponês chamava às louras searas o ceifador e já agarrava os  
 cereais pelo caule frágil, desencadear-se toda uma batalha de  
 ventos, que por um largo espaço arrancava das raízes as grávidas  
 320 espigas e as lançava para o alto: o turbilhão negro da borrasca  
 levava assim os talos ligeiros e as palhas esvoaçantes. Muitas  
 vezes também vem do céu uma torrente imensa de águas, e as  
 nuvens reunidas do alto adensam sombrias tempestades de chuvas  
 escuras: o éter excelso arruína e destrói com um dilúvio as  
 325 prósperas terras semeadas e o trabalho dos bois; enchem-se os  
 fossos e crescem nos leitos os rios, e o mar ferve com fragor nos

estreitos ventosos. O próprio Pai, com destra reluzente, desfere raios por entre a noite das nuvens; ferida, a imensa terra  
330 estremece; fogem os animais, o terror prostra e abate entre os humanos os corações mortais. Ele, com dardos chamejantes, golpeia o Atos<sup>79</sup>, o Ródope<sup>80</sup>, os altos Ceráunios<sup>81</sup>; redobram os Austros e a chuva densíssima; ora gemem os bosques, ora as costas, sob o vento impetuoso.

335 Temeroso disto, observa os meses e os astros do céu, a que signo se retire a fria estrela de Saturno<sup>82</sup>, em que órbitas do céu erre o fogo cilênio<sup>83</sup>.

Primeiramente venera os deuses, e renova à grande Ceres o  
340 rito anual sobre as ervas fecundas, mal o inverno termine, já na serena primavera. Então os cordeiros são tenros, suavíssimos os vinhos, doces os sonos e espessas as sombras sobre os montes. Que toda a tua agreste família adore a Ceres, e tu dilui para a  
345 deusa o mel com leite e com doce Baco<sup>84</sup>; que a vítima fecunda gire três vezes pelas novas searas, e que todos juntos a acompanhem num grupo festivo e invoquem Ceres com clamor à tua morada; que ninguém aplique a foice sob as espigas maduras antes de, cingida a fronte de uma coroa de carvalho, ter executado  
350 os movimentos de uma dança rústica e de ter entoado os cantos sagrados.

A fim de que pudéssemos prever com indícios certos os fenômenos, o calor, as chuvas e os ventos que trazem o frio, o Pai estabeleceu ele mesmo quais avisos dariam as fases mensais da Lua, sob que signo repousariam os Austros<sup>85</sup>, e que sinais  
355 repetidamente observados levariam o camponês a aproximar os rebanhos dos estábulos.

De súbito, ao surgir dos ventos, ou as ondas agitadas do mar começam a crescer, e sobre as altas montanhas se ouve um seco fragor, ou o litoral revolto rumoreja ao longe, e se faz mais denso  
360 o murmúrio dos bosques. Agora dificilmente as quilhas curvas resistem às ondas, quando do mar alto retornam atrás os velozes merganços, e trazem estridor às praias, e quando as gaivotas marinhas brincam no seco e o airão abandona os pauis conhecidos  
365 e voa sobre as nuvens altas. Muitas vezes também, quando o vento ameaça, tu verás estrelas tombarem do alto do céu e

deixarem após elas, na escuridão da noite, longos sulcos de  
chamas; muitas vezes verás voltejar a palha leve e as folhas que  
caem das árvores, ou as plumas que brincam a flutuar  
na superfície da água.

370 Mas, quando relampeja da parte do feroz Bóreas, e  
estremece com trovões a mansão de Euro<sup>86</sup> e de Zéfiro,  
transbordam todos os campos com os fossos cheios e todos os  
marinheiros recolhem sobre o mar as úmidas velas. Jamais a  
chuva causa dano sem anunciar-se; ou fogem dela, à sua chegada,  
375 os aéreos grous do fundo dos vales, ou a novilha, olhando o céu,  
absorve o ar com as narinas dilatadas, ou a ruidosa andorinha voa  
em torno dos tanques, e as rãs no banhado recantam a antiga  
querela; muitas vezes a formiga traz os ovos para fora dos abrigos  
380 profundos, cavando um estreito caminho; um imenso arco-íris  
bebe a água do mar, e, afastando-se do pasto em longa coluna, um  
exército de corvos faz estrépito com um compacto bater de asas.  
Depois, os vários pássaros do mar e aqueles que na Ásia<sup>87</sup>, ao  
redor dos prados do Caístro, exploram as doces lagoas, à porfia se  
385 aspergem os dorsos com água abundante; ora os verás  
mergulharem a cabeça, ora os verás correrem sobre a onda, e, com  
ardor incansável, desejarem ansiosamente o banho. Então a gralha  
chama a chuva a plena voz, maligna, e solitária passeia sobre a  
390 areia seca. Nem mesmo as raparigas que estendem noturnas lãs  
ignoram a intempérie, vendo cintilar o óleo na lanterna acesa e  
ali condensarem-se pútridos fungos.

Poderás igualmente, em tempos de chuva, prever e  
reconhecer através de sinais certos o retorno dos dias ensolarados  
395 e de um céu descoberto. Pois então o brilho das estrelas não  
aparece ensombrecido, a Lua não surge ofendida pelos raios do  
irmão, nem esvoaçam pelo céu ligeiros fiapos de lã; os alcíones caros  
a Tétis<sup>88</sup> não abrem ao tépido Sol as asas sobre a praia, nem  
400 os imundos porcos desfazem e espalham os feixes com o focinho.  
Mas as névoas se abaixam mais e se estendem pelos campos, e,  
voltada para o pôr-do-sol, do alto de um teto, a coruja lança  
inutilmente os seus cantos infaustos. Niso<sup>89</sup> aparece muito alto no  
405 límpido céu, e Cila paga a pena pelo purpúreo cabelo; por onde  
quer que ela, fugindo, sulque o éter leve, eis que, atroz inimigo,  
com grande estridor a segue Niso pelo ar; e, por onde quer que

Niso se erga, ela, fugindo rápida, fende o leve éter. Então os  
 410 corvos, cerrando as gargantas, três ou quatro vezes repetem notas  
 claras, e muitas vezes, nas altas moradas, não sei por qual insólita  
 doçura, tagarelam entre si por entre a folhagem; extasia-os,  
 cessada a chuva, contemplar os filhotes e os doces ninhos; não, em  
 415 minha opinião, que a divindade lhes tenha dado uma inteligência,  
 ou o destino uma presciência superior; mas, quando o tempo e a  
 umidade instável do céu mudaram, quando Júpiter, molhado pelos  
 Austros, ora adensa o que era ralo, ora afrouxa o que era denso,  
 420 transformam-se as disposições de alma e os corações  
 experimentam agora emoções diversas de quando o vento impelia  
 as nuvens; daí essa sinfonia de aves pelos campos, e a alegria do  
 rebanho e o triunfo vocal dos corvos.

Se, depois, observares o Sol ardente e as fases da Lua,  
 425 jamais o amanhã te enganará, e não serás surpreendido pela ilusão  
 de uma noite serena. A Lua, quando recolhe os fogos renascentes,  
 se acaso retiver no escuro crescente uma névoa negra, é que então  
 se prepara uma imensa chuva para os campos e para o mar; se, ao  
 contrário, ela cobrir o rosto de um rubor virginal, é sinal de vento;  
 430 sempre a áurea Febe<sup>90</sup> enrubesce com o vento. Se, ao levantar-se  
 pela quarta vez - este é o indício mais certo -, ela perambular pelo  
 céu, pura e com límpidos cornos, todo esse dia e também todos  
 435 quantos dele nascerem, até ao final do mês, carecerão de chuva e  
 de ventos, e, seguros sobre as praias, os marinheiros firmarão o  
 voto a Glauco<sup>91</sup>, a Panopéia<sup>92</sup> e, com eles, a Melicerta de Ino<sup>93</sup>.

E também o Sol, surgindo ou aprofundando-se nas ondas,  
 dará sinais; o Sol é fonte de certíssimos indícios, os que exprime  
 440 pela manhã e os demais, ao nascer das estrelas. Se apresentar  
 manchas variadas no nascente, ou se, escondido numa nuvem,  
 desviar o centro do seu disco, deverás suspeitar de chuvas; Noto<sup>94</sup>  
 apressa-se do alto, adverso às árvores, às sementeiras, ao gado.  
 445 Mas, quando ao vir do dia, por entre densas nuvens, irromperem  
 raios em direções diversas, ou quando a Aurora surgir pálida do  
 leito dourado de Titono<sup>95</sup>, ah! o pâmpano mal defenderá as uvas  
 maduras, tanta sobre os tetos tombará crepitando a fúria do  
 granizo.

450 Eís ainda, na hora em que o Sol se retira após haver  
percorrido o Olimpo, presságios mais úteis a reter; vemos  
freqüentemente a sua face revestir-se de cores instáveis: o azul-  
-escuro anuncia a chuva; o vermelho-fogo, os Euros; no entanto,  
se manchas começarem a misturar-se a esse fogo vermelho, verás  
455 então o vento e as nuvens carregadas porem tudo em  
efervescência; ninguém, numa noite assim, me induziria a deixar a  
terra pelo mar, nem a soltar as amarras. Por outro lado, se,  
reconduzindo o dia e depois ocultando-o de novo, o disco estiver  
luzente, em vão temerás a borrasca e verás as florestas agitadas  
460 pelo límpido Aquilão<sup>96</sup>. Por fim, o Sol te anunciará que tempo há  
de trazer a tarda Vésper, e donde o vento há de impelir as nuvens  
claras, ou que coisa medite o úmido Austro. Quem ousaria acusar  
o Sol de mentiroso? Muitas vezes ele prenuncia os secretos  
465 tumultos, as insídias, as guerras que fermentam na sombra. Ele  
também compadeceu-se de Roma pela morte de César<sup>97</sup>, quando  
cobriu o rosto esplendente de uma ferrugem escura e quando uma  
ímpia estirpe chegou a temer uma noite sem fim. Se bem que,  
naquela ocasião, também dessem sinais a terra e as planuras do  
470 mar, assim como as cadelas sinistras e os pássaros infaustos.  
Quantas vezes vimos, nos campos dos Ciclopes<sup>98</sup>, o Etna, rotas as  
fornalhas, vomitar globos de chama e revolver rochas liquefeitas!  
A Germânia<sup>99</sup> escutou por todo o céu um ruído de armas; os Alpes  
475 estremeceram com abalos insólitos. Um imenso grito se ouviu  
também muitas vezes nos bosques silentes, e na escuridão da  
noite apareceram fantasmas estranhamente pálidos, e os animais  
falaram - prodígio! -; param os rios, abre-se a terra, chora nos  
480 templos o triste marfim e soam os bronzes. Transbordou, levando  
florestas a girarem em doidos turbilhões, o rei dos rios, o  
Eridano<sup>100</sup>, arrastando pelos campos todos, com os estábulos, os  
rebanhos. Na mesma época, fibras ameaçadoras não cessaram de  
485 surgir das vítimas infaustas, nem deixou de brotar dos poços  
um sangue vivo, ou de ressoar à noite nas altas cidades o uivo dos  
lobos. Não tombaram nunca do céu sereno raios mais numerosos,  
nem arderam tantas vezes sinistros cometas. Foi assim que  
490 Filipos<sup>101</sup> viu tropas Romanas defrontarem-se pela segunda vez,  
com armas iguais; e os deuses suportaram que por duas vezes o

nosso sangue banhasse a Emátia<sup>1 02</sup> e que dele se nutrissem os  
largos campos do Hemo<sup>1 03</sup>. E por certo virá o dia em que o  
camponês, nesses territórios, empenhado em trabalhar o solo com  
495 o recurvo arado, há de encontrar pilos corroídos por leprosa  
ferrugem, ou golpeará com os pesados ancinhos elmos vazios, e se  
espantará com as grandes ossadas nos sepulcros abertos.

Deuses da pátria, Indígetes<sup>1 04</sup>, e Rômulo<sup>1 05</sup>, e Vesta mãe<sup>1 06</sup>,  
que proteges o etrusco Tibre<sup>1 07</sup> e o romano Palatino<sup>1 08</sup>, ao menos  
500 não impeçais que este jovem venha em socorro de uma geração  
abatida! Já há muito temos pago em abundância com o nosso  
sangue o perjúrio da Tróia laomedontéia<sup>1 09</sup>; já há muito, ó  
César<sup>1 10</sup>, a corte celeste nos inveja a tua presença, e lamenta o fato  
de te preocupares com os triunfos humanos, onde o lícito se  
505 converte no ilícito: e tantas guerras pelo mundo, e tantos aspectos  
do mal; nenhuma honra é já reservada ao arado; arrebatados os  
colonos, abandonados os campos, as curvas foices são forjadas em  
rígidas espadas. De cá declara guerra o Eufrates<sup>1 11</sup>; de lá, a  
510 Germânia<sup>1 12</sup>; rompidos os tratados, cidades vizinhas tomam as  
armas; encarniça-se por todo o universo o ímpio Marte<sup>1 13</sup>. Da  
mesma forma que, quando as quadrigas escapam dos seus recintos  
e tomam velocidade nos giros do estádio, o cocheiro, retesando  
inutilmente as rédeas, é levado pelos cavalos e os carros não  
sentem o freio.

#### NOTAS

1 *Gaius [Cilnius] Maecenas* (c. 70-8 a. C.), de origem etrusca, literato, amigo e conselheiro de Augusto, coordenador de uma política cultural destinada a conquistar o apoio dos intelectuais à nova ordem institucional romana. Concedeu especial relevo a poetas como Horácio, Vário, Propércio e o próprio Virgílio. Segundo uma tradição, foi Mecenas quem sugeriu ao Mantuano o assunto das *Geórgicas*. Horácio, por sua vez, lhe devia um valioso auxílio financeiro. Ambos os poetas lhe dedicam palavras de apreço e gratidão. Invocado novamente em II, 41.

2 Denominação latina do deus Baco. V. nota 84.

3 Divindade que preside às messes e às colheitas. Era possivelmente, nas origens, uma divindade itálica, associada à força genítriz da natureza, confundida com *Tellus*. Seu primeiro templo em Roma teria sido construído por volta de 495 a. C., por ocasião de uma grande escassez de cereais, época em que adquiriu maior importância e passou a ser identificada

com a Deméter grega, de quem herdou o aparato lendário. As *Cerealía*, festas em honra dessa deusa, eram celebradas nos meados de abril. Indica figuradamente o grão de cereal, ou o próprio pão. Mencionada em I, 96, 147, 212, 297, 339, 343, 347, 349; II, 229.

4 Alusão à localidade grega de Dodona (Epiro), onde havia um renomado santuário-oráculo de Zeus e onde se acreditava ter tido origem a humanidade. As respostas do deus eram manifestadas através de ramos de carvalho. Havia vasos de bronze suspensos a essas árvores, os quais, à menor brisa, produziam sons que eram traduzidos pelos sacerdotes como sendo as palavras divinas. Os Caônios eram um dos povos mais importantes do lugar.

5 Água de fonte, água pura. O Aquelôo (atual *Aspropótamo*), um dos maiores rios da Grécia, nasce na cadeia do Pindo e, após traçar o limite entre a Etólia e a Acarnânia, se lança no mar Jônio. Também o deus do mesmo rio, filho de Oceano e Tétis.

6 Gênios das matas, meio homens, meio bodes, de velha tradição itálica, que presidem à agricultura, à caça, aos rebanhos. Equivalentes aos Sátiros gregos, eram, todavia, menos repulsivos e brutais que eles. Também eram associados aos arvoredos, e dizia-se possuírem poderes proféticos. Menção reiterada em I, 11.

7 Divindades subalternas (Dríades, ou Hamadríades), ninfas que evocavam o princípio vital das plantas. O seu ciclo vital correspondia à duração da vida da árvore a que cada uma estava ligada. V. nota 96 ao livro II.

8 Antiga divindade itálica, quase inteiramente desconhecida na sua forma original. Consta, contudo, que era associado à água, ou talvez, segundo alguns, à fecundidade e à vegetação. Mais tarde, na era republicana, vemo-lo como um deus marinho, já identificado com o grego Poseidon, ao qual se atribuía a criação do primeiro cavalo.

9 De Cea, ilha do Mar Egeu, próxima à Ática, no arquipélago das Cíclades. O “habitante dos bosques” venerado em Cea é Aristeu, filho da ninfa Cirene e de Apolo. Atribuem-se-lhe vários inventos ligados à caça, tais como as covas e as redes. Era também particularmente cultuado na Arcádia, onde era tido como o introdutor da criação de abelhas.

1 0 Divindade pastoral, imaginada com barba e pequenos chifres, figura de homem, e a parte inferior, de bode. Habitava os bosques, em especial as proximidades das fontes. A sua aparição súbita era vista como capaz de provocar delírios, especialmente aos que viajavam por lugares remotos e desertos: os terrores pânticos). Era, na origem, uma divindade arcádia, a quem foi consagrado o Mênalo (v. notas 11 a 13). Seu culto chegou a Roma, onde Pã foi muitas vezes confundido com Fauno ou com Silvano.

1 1 Monte da Arcádia (Peloponeso), atual *Diophorti*, morada do deus Pã.

12 Serra da Arcádia, também cara ao deus Pã (hoje *Apanochrepa*).

1 3 De Tégea, cidade da Arcádia (hoje *Paleoepiskopi*), no curso superior do rio Alfeu, onde Pã era particularmente cultuado.

1 4 Filha de Júpiter (Zeus), identificada com a Palas Atená dos Gregos. Minerva é nome de origem etrusca, para uma antiga divindade itálica de artífices e de grupos profissionais. Sob a tutela dessa deusa estão as atividades intelectuais, as artes, as técnicas da fiação e do tecido. Seu maior presente aos homens foi o cultivo da oliveira. Referência também em II,

181.

1 5 É uma referência a Triptólemo, rei de Elêusis, associado ao mito de Ceres/Deméter. Como recompensa da hospitalidade que foi oferecida a Ceres em Elêusis pelos pais de Triptólemo, a deusa presenteou o jovem com um carro puxado por dragões alados, e o exortou a percorrer o mundo semeando por todas as terras grãos de trigo. V. nota 46.

1 6 Divindade itálica das selvas e dos campos, cujo sinal distintivo é um pequeno cipreste desenraizado (outras vezes, uma foice e um cão que o acompanhava). Era representado primitivamente como uma árvore; mais tarde assumiu a figura de um velho bem-humorado e coroadado de hera.

7 Cognome de *Gaius Iulius Caesar Octavius*, depois *Octavianus*, dito Augusto (63 a.C.-14 d. C.). Era sobrinho-neto de Júlio César e foi adotado por este último, cujo legado político reivindicou. Tornou-se o símbolo dos ideais mais ou menos difusos de restauração, após as últimas guerras civis do período republicano, e, em consequência, como *princeps* (“primeiro cidadão”), assumiu o controle administrativo do Estado romano. O título de *imperator* (“general vencedor no campo de batalha”), que também assumiu, revela a natureza do novo sistema monárquico e militar instaurado. Patrono das ciências e da erudição, seu reinado desponta como uma das épocas mais brilhantes da história de Roma. V. nota 110. Também em II, 54.

1 8 Denominação lendária das terras do mais remoto setentrião. Qualquer tentativa, portanto, de identificação da Última Tule com alguma ilha do norte da Europa (as Shetland, por exemplo, como já se pretendeu) carece, evidentemente, de rigor e exatidão.

1 9 *Tethys*, em latim, deusa marinha, uma das Titânidas, filha de Úrano (o Céu) e de Géia (a Terra), esposa de Oceano e mãe de todas as divindades fluviais. É a personificação maior da fecundidade da água.

2 0 A constelação de Virgem, que, no Zodíaco, é imediatamente anterior à de Libra (Balança). Para os Gregos, tratava-se da dedicada filha do ateniense Icário (o divulgador do cultivo das vinhas), que, como recompensa pela sua piedade filial, foi conduzida ao firmamento. V. nota 85 ao canto II.

2 1 As Pinças do Escorpião: a Balança.

2 2 O Escorpião, de acordo com uma variação do mito, teria, sob a instigação de Ártemis, provocado com uma ferroadada a morte do caçador Oríon.

2 3 Filho do Éter e da Terra; em geral, é como se designa a região dos mortos. O “pai Éter”, por sua vez, merece uma referência em II, 325.

2 4 A morada das almas bem-aventuradas. Segundo a mitologia grega, era o espaço em que os eleitos dos deuses, especialmente os heróis e os patriotas, experimentam, no Além, uma vida perfeita e feliz. Para Virgílio, o *Elysium* é sempre parte do mundo subterrâneo.

2 5 Filha de Ceres e Júpiter, e esposa de Plutão, o senhor dos mundos inferiores. É possível que haja sido, nas origens, uma deusa romana da terra. Outra hipótese é de que seu nome seja uma forma variante do nome grego *Perséfone*, da deusa que lhe empresta o aparato lendário e o culto. O seu retorno periódico à terra, para consolo e lenitivo da mãe saudosa,

garante a alternância entre a estação boa e a má (a alegria e o sofrimento de Ceres). Assim se concebia o calendário agrícola arcaico, desconsideradas as estações intermediárias.

2 6 A personificação do vento do oeste, naturalmente suave, associado ao latino *Favonius*. Também em I, 371; II, 106, 330.

2 7 Cidade e montanha da Lídia (atualmente *Boz Dag*), na Ásia Menor.

2 8 Designação metonímica do Oriente.

2 9 De Saba, na Arábia, região do Iêmen atual. Era uma terra legendária pelas riquezas, pela fertilidade e pelo luxo excessivo. O Poeta qualifica de *molles* os Sabeus. O sentido de tal adjetivo se opõe francamente ao de *duri*, tanto no sentido físico quanto no moral. A região é lembrada aqui como produtora de incenso, rara e apreciada mercadoria. V. nota 28 ao livro II.

3 0 Povo da costa sudeste do Mar Negro, célebre por suas minas de ferro. Eram excelentes, rápidos e hábeis artesãos, além de renomados fabricantes de aço.

3 1 Região na parte noroeste da Ásia Menor, entre a Paflagônia e a Armênia, à margem do atual mar Negro. Para Hesíodo, Ponto é a personificação masculina do mar, o mar por excelência, filho do Éter e da Terra. Também em I, 207.

3 2 Região grega entre a Macedônia, a Tessália e o Mar Jônio. Por ser território rico em pastagens, o termo é usado aqui como símbolo de quaisquer regiões onde se criassem cavalos de raça, especialmente as éguas de excelente qualidade destinadas a vencer as competições hípcas dos jogos olímpicos.

3 3 Filho de Prometeu. Foi o honrado sobrevivente do dilúvio universal, infligido, segundo o mito, por Júpiter à Terra, como punição às iniquidades dos homens. Alertado por Prometeu, Deucalião construiu uma barca para si e para sua mulher, Pirra. Baixadas as águas, coube a Deucalião e Pirra a missão de repovoar o mundo. Para tanto, impôs-lhes o oráculo de Têmis que lançassem por cima dos ombros “os ossos maternos”. Percebendo que o oráculo se referia às pedras da Terra, eles obedeceram à ordem e, das pedras lançadas respectivamente por Deucalião e Pirra, nasceram os novos homens e as novas mulheres. O filho mais velho desse casal ancestral foi Heleno, o germe da futura raça helênica.

3 4 O norte. V. nota 60. Também em I, 204.

3 5 Relativo a Lete. Lete, o Esquecimento, é filha de Éris, a Discórdia. Ela teria emprestado o seu nome a uma fonte, a Fonte do Esquecimento, um dos mananciais dos infernos, cuja água, quando bebida pelos mortos, fá-los esquecer todo o passado.

3 6 Vento do norte, frio e violento. Também em I, 370; II, 316.

3 7 A montanha mais alta da Grécia, nos limites entre a Macedônia e a Tessália; a sede dos deuses. Muitas vezes o termo é usado na acepção de “céu”. Outras referências em I, 282, 450.

3 8 Região do noroeste da Anatólia. Alusão genérica a uma terra qualquer caracterizada pela fertilidade. V. nota seguinte.

3 9 Um dos cumes do Ida (hoje *Karg Dag*), na Mísia, ou também uma cidade ao seu sopé, a

atual *Ineh*, citados como modelos de fertilidade. Segundo Macróbio (século IV), na *Saturnália* (*apud* Virgílio: *Georgiche*, ed. B.U.R., 1983, p. 118; v. Bibliografia), o Poeta “acrescentou à menção da Mísia especificamente a do Gárgaros, porque essa cidade, situada exatamente na base do monte Ida, é irrigada pelas águas que descem dele e parece não ter sentido uma necessidade absoluta das chuvas solsticiais”.

4 0 Rio nos limites entre a Macedônia e a Trácia.

4 1 Nome latino de Zeus, pai dos deuses e dos homens, deus do céu, da luz, da bonança e das tempestades, dos raios e da chuva, representado normalmente como um homem maduro, forte, majestoso e grave, portando uma coroa de folhas de carvalho, árvore a ele consagrada. Outras menções em I, 121, 283, 328, 353, 418; II, 15, 419.

4 2 Filhas de Atlas, o irmão de Prometeu. Eram todas irmãs, transformadas em constelação. O despontar das sete Plêiades coincide com o início da época mais propícia à navegação; o surgir das sete Híades, as “chuvosas”, marca o início das chuvas primaveris. Também em I, 221, 225.

4 3 Calisto, filha do rei árcade Licáon, amada por Júpiter e transformada em ursa pela ciumenta Juno. Júpiter colocou-a no firmamento, em forma de constelação. Trata-se da versão mais difundida sobre a origem da Ursa Maior.

4 4 Dodona, no Epiro, aqui simbolizando o “carvalho” da humanidade primitiva. V. nota 4.

4 5 Ceres. V. nota 3. Elêusis é uma cidade da Ática, onde se realizavam os mais venerados mistérios religiosos associados aos rituais propiciatórios da Terra-Mãe. Ceres era sempre uma presença essencial nesses rituais.

4 6 Rei de Elêusis, pai de Triptólemo; aprendeu com Ceres a arte de construir utensílios agrícolas à base de vimes trançados. V. nota 15.

4 7 Baco. V. nota 84.

4 8 Duas estrelas do braço do Cocheiro, sinal de tempo chuvoso.

4 9 Constelação da Serpente, cujo surgimento e ocaso seriam sinais de tempestades. Também em I, 244-245, onde se diz que a Serpente coleia como um rio entre as duas Ursas.

5 0 Cidade (a atual *Nagara*) na costa asiática do Helesponto, no estreito dos Dardanelos. A referência é a qualquer localidade marítima onde sejam abundantes os bancos de ostras.

5 1 Constelação zodiacal de Libra, a Balança, época do equinócio de outono.

5 2 Ceres muitas vezes é representada com um ramalhete de papoulas nas mãos. Sabe-se que as papoulas costumavam brotar no meio dos campos de cereais, mas nota-se aqui também uma alusão ao “esquecimento” proporcionado pelas sementes dessa flor, utilizadas por Ceres para consolar-se da dor do rapto de Prosérpina.

5 3 A erva médica, ou luzerna, ou simplesmente alfafa, teria sido transplantada para a Grécia durante as guerras médicas.

5 4 Constelação zodiacal do Touro, na qual o Sol entra por volta de 23 de abril.

5 5 O Cão Menor, cuja estrela principal é Prócion (que, em grego, corresponde a “anterior”)

ao Cão”). Encontra-se sob os Gêmeos, ou seja, poeticamente próximo ao Touro, que o “ameaça”.

5 6 As Plêiades. V. nota 42. Por “orientais” traduzimos o adjetivo *Eous*, -a, -um (no texto, *Eoas*), formado a partir do nome próprio grego *Eos*, a Aurora (V. nota 25 ao livro II).

5 7 A constelação da Coroa de Ariadne. Ariadne é filha de Minos (senhor de Cnossos, em Creta) e de Pasífae. Foi abandonada na ilha de Naxos por Teseu, após ter auxiliado este herói ateniense na sua luta contra o Minotauro. Resgatada e amada por Baco, tornou-se esposa desse deus, que lhe ofereceu como presente de bodas uma extraordinária coroa de ouro, obra de Vulcano, mais tarde elevada ao céu. Desponta em outubro, ao surgir da manhã.

5 8 Uma das Plêiades, metonímia para indicar a constelação inteira. Reza o mito que Maia é a mãe de Mercúrio/Hermes, o mensageiro dos deuses e o protetor do comércio.

5 9 Cidade marítima do Baixo Egito, situada na boca oriental do Nilo. É a moderna *Tineh*.

6 0 A constelação Arctofilax, também conhecida como o guardião da Ursa Maior. Sua estrela mais luminosa, Arcturo (= relativo à Ursa), aparece às vezes pela constelação toda. A Ursa Maior é por vezes designada como a “Carroça” e, nesse caso, Arctofilax converte-se em Bootes, o “Boieiro”, ou o “Carroceiro”. Quando Arcturo desponta nas manhãs de setembro, é chegado o tempo das sementeiras e das vindimas.

6 1 Terra dos Citas, população da costa setentrional do Mar Negro, uma das denominações convencionais do mais remoto norte.

6 2 Montes mitológicos, situados imprecisamente nas margens setentrionais da Terra.

6 3 As zonas desérticas da África. Os Austros são chamados de “africanos”, porque sopram desde o sul.

6 4 Elemento do fantasioso sistema hídrico do Além, mais propriamente o rio de águas barrentas e gélidas que envolve na sua corrente toda a região inferior.

6 5 As almas dos mortos que não devem ser perturbadas, e a quem se dedicava uma festa propiciatória no mês de fevereiro.

6 6 As Ursas jamais se põem, portanto recusam deitar-se no Oceano. O Oceano, mencionado também em II, 122, 481, são as águas do horizonte que envolvem as terras emersas e os mares conhecidos; acreditava-se que tivesse comunicação com os infernos. Como divindade, Oceano é primordial, um dos Titãs, irmão de Jápeto e Cronos.

6 7 A luminosa mensageira do dia, filha de Téia e Hipérion, e irmã do Sol e da Lua. Surgia no horizonte, num carro tirado por cavalos dourados. Também em I, 447.

6 8 A estrela da tarde, ou Vênus, que surge logo após o crepúsculo; a própria tarde. Outra versão identifica Vésper a Héspero, filho de Astreu e Aurora, o qual, tendo desaparecido durante uma tempestade, foi transformado no astro do entardecer. Também em I, 461.

6 9 Modernamente *Amelia*, uma das mais antigas localidades da Úmbria, nas proximidades de Narni, provável produtora de excelentes vimes, na antiguidade.

7 0 Designação genérica do mundo inferior, morada dos mortos.

7 1 Designação eufêmica das Fúrias, terríveis demônios infernais vingadores dos crimes, identificadas com as Erínias gregas.

7 2 Géia, filha do Caos e personificação divinizada da Terra, que, tendo engendrado Úrano, uniu-se depois a ele e gerou os Titãs, os Ciclopes e os Gigantes.

7 3 Um dos Titãs, filho da Terra e do Céu (Úrano) e pai de Latona, a progenitora de Apolo e Ártemis.

7 4 Irmão de Ceo e pai de Prometeu, o benfeitor dos homens e descobridor do fogo.

7 5 Monstro, às vezes descrito como possuindo cem cabeças de dragão, gerado pela Terra e pelo Tártaro. É entendido como um furacão destruidor ou como uma erupção vulcânica; há uma versão do mito que o sotopõe ao Etna.

7 6 Montanhas da Tessália. Quando, em conformidade com o mito, os gigantes, filhos da Terra, tentaram a escalada do céu, tentaram acumular estes montes, um sobre o outro.

7 7 Deus do fogo, fabricante dos raios de Júpiter e das armas divinas; o próprio fogo. Seu aparato lendário provém da identificação com o deus grego Hefestos.

7 8 Das ilhas Baleares, cujos fundeiros eram célebres no mundo antigo, primeiro no exército cartaginês, depois no romano.

7 9 Montanha da Macedônia, na mais oriental das três penínsulas terminais da Calcídica, no Egeu setentrional.

8 0 O maciço do Ródope, na Trácia, parte do sistema dos Balcãs; seria a pátria mítica do cantor Orfeu.

8 1 Os montes Ceráunios ou Acroceráunios, num promontório entre a Ilíria e o Epiro, ao norte de Corfu, proverbialmente temidos como região de adensamento das tempestades.

8 2 Trata-se aqui do planeta, cuja influência era considerada predominantemente nefasta. V. nota 75 ao livro II.

8 3 É o planeta Mercúrio. O deus correspondente era natural do monte Cilene, na Arcádia. A referência tanto a Saturno quanto a Mercúrio é de fato aos dois pontos extremos do sistema solar. Mais próximo do Sol, Mercúrio é obviamente o mais quente.

8 4 O vinho. Baco é o deus que nasceu duas vezes, pois foi concebido no ventre da mortal tebana Sêmele, amada por Júpiter, e, após a morte dela, teve a sua gestação completada em uma das coxas do pai. É basicamente cultuado como deus da videira e do vinho. É, ao lado de Ceres, o protetor incondicional das populações rurais. Baco é invocado também com os nomes de *Iacchus*, *Lenaeus* (do grego *lenós*, “barril”), *Liber* (v. nota 2), *Lyaeus* (o “dissolvedor” das angústias). Mencionado também em I, 2, 47, 344; II, 2, 4, 7, 37, 113, 143, 191, 228, 229, 275, 380, 388, 393, 454, 455, 529.

8 5 O vento do sul. V. nota 63. Também em I, 241, 354, 418, 462; II, 188, 271, 333.

8 6 O vento do leste, eventualmente o do sudeste, ou siroco. Também em I, 453; II, 107, 339, 441.

8 7 O termo aqui se refere às famosas pradarias da Lídia, na Anatólia, rica pelos lagos nos

quais se expande o rio Caístro. Abundavam na região, como reza a tradição homérica, grandes grupos de pássaros aquáticos, principalmente cisnes.

8 8 Em latim, *Thetis*. É uma ninfa marinha (Nereida), filha de Nereu e Dóris e esposa divina do mortal Peleu. Foi mãe de Aquiles. Muitas vezes citada como metáfora para indicar o próprio mar.

8 9 Alusão à lenda de Niso, rei de Mêgara, no istmo de Corinto, sobre o mar Egeu. O segredo do poder de Niso estava ligado a uma “mecha purpúrea” escondida entre os seus cabelos. Cila, sua filha, traidoramente, conseguiu roubar-lhe a mecha para entregá-la a Minos, o rei de Creta, que assediava Mêgara e por quem ela estava apaixonada. Minos, porém, repudiou-a. Cila foi transformada em ave aquática e Niso em águia marinha.

9 0 O mesmo que Diana/Ártemis, enquanto deusa lunar.

9 1 Pescador da Beócia que, alucinado por uma erva encantada, se atirou nas ondas e foi acolhido por Oceano e Tétis entre as divindades marinhas.

9 2 Uma das cinquenta Nereidas, filhas do deus marinho Nereu e de Dóris, e irmã de Tétis. V. nota 88.

9 3 Ino, filha de Cadmo, fundador e rei de Tebas (Beócia), e Harmonia, e esposa de Atamante, rei de Orcômeno (também na Beócia). Para escapar à ira do marido enlouquecido, lançou-se ao mar, levando ao colo o filho Melicerta. Recebidos por Netuno, foram ambos divinizados, e, a partir da tradição homérica, são os protetores dos navegantes e dos náufragos.

9 4 O Noto grego corresponde ao Austro latino, mas pode indicar por vezes o vento de sudeste, ou siroco.

9 5 Herói do ciclo troiano, filho mais velho de Laomedonte e Estrimo, e irmão de Príamo. Dotado de grande beleza, foi amado por Eos, a Aurora.

9 6 O vento do norte ou do nordeste, cujo sopro era tido como semelhante ao vôo da águia. Também em II, 113, 261, 334, 404.

9 7 *Gaius Iulius Caesar* (101 ou 100-44 a.C.). No dia em que foi assassinado, 15 de março (Idos), se verificou, segundo uma tradição, um eclipse do Sol, além dos outros prodígios mencionados na seqüência, como reações da natureza diante da enormidade do crime. Não se nota aqui nenhuma preocupação do poeta com a figura histórica de César, mas sim com a sua dimensão ideológica, mítica, quase evangélica, de arauto, profeta e inspirador de Otávio.

9 8 Uma raça de pastores gigantes, (um dos quais, o famoso Polifemo da *Odisséia*), habitantes de uma ilha longínqua. Têm como sinal particular um único olho. São também associados à siderurgia e trabalham nas profundezas do Etna, sob a supervisão de Vulcano, como fabricantes dos raios de Júpiter.

9 9 Referência indistinta aos povos germânicos, fronteira sententrional do mundo romano. Contrasta com a referência mais precisa e histórica de I, 509 (nota 112).

1 00 É a denominação clássica e solene do rio Po (*Padus*). Nova referência a este rio em II, 452.

1 01 A batalha de Filipos, entre o exército de Bruto e Cássio e as forças “constitucionais”

dos triúmviros Antônio, Lépido e Otaviano, deu-se em 42 a.C. Era uma cidade trácia, situada na planície imediata ao monte Pangeu. Pertencia, contudo, à província romana da Macedônia. Nesta passagem, o nome Filipos designa com toda probabilidade a região balcânica em geral, uma vez que esta foi também palco de outra luta fratricida entre Romanos, em Farsalo, na Tessália, quando César venceu Pompeu (verão de 48 a. C.).

1 02 Nome antigo da Macedônia. Funciona aqui como referência genérica ao cenário das últimas guerras civis.

1 03 Contraforte dos Bálcãs, trecho montanhoso entre o Danúbio e o Ebro.

1 04 Os Indígetes eram os deuses primitivos nacionais dos Romanos, em oposição aos deuses importados do exterior e introduzidos em épocas mais recentes (os *Nouensiles Dii*).

1 05 O fundador lendário de Roma, o Progenitor, divinizado sob o nome de Quirino. É a representação da origem mais remota da parábola histórica romana. No extremo oposto, encontra-se a figura presente, real e carismática de Augusto. V. nota 109 ao livro II.

1 06 Divindade do fogo doméstico e do fogo sagrado da comunidade, que arde continuamente no seu templo de estrutura circular. As virgens Vestais eram a garantia da inextinguibilidade da chama vital. Vesta pode representar simplesmente o “lar”. Era identificada com a deusa helênica Héstia, irmã de Zeus.

1 07 O Tibre é um dos sinais maiores de Roma. É chamado de “etrusco”, em função das terras de cultura etrusca que o seu vale atravessa. Virgílio, porém, se refere aqui à própria matriz cultural de Roma, consubstanciada na antiga ligação entre Etruscos e Latinos.

1 08 Outro sinal específico de Roma, uma das célebres sete colinas tradicionais da cidade (as seis outras são o Aventino, o Capitolino, o Celiano, o Esquilino, o Viminal e o Quirinal). É considerado o mais antigo estabelecimento fixo, dentre os que iriam constituir a futura *urbs*.

1 09 Laomedonte, rei troiano e pai de Príamo, negou a paga devida a Apolo e Netuno pela obra desses deuses na construção das muralhas de Tróia. Esta culpa sacrílega do seu lendário antepassado explica, para os poetas da época de Augusto, os pecados fratricidas de Roma.

1 10 Sempre Otaviano, o “jovem”, a quem o poeta se refere no v. 500.

1 11 O célebre rio da Mesopotâmia, simbolizando aqui os habitantes de, pelo menos, uma de suas margens, os Partos, do planalto iraniano.

1 12 Em 35 a.C., enquanto Marco Antônio lutava contra os Partos, na tentativa de remover um dos entraves da política externa romana (herança da campanha expansionista de Júlio César), Agripa, um dos mais importantes colaboradores e futuro co-participante da autoridade política de Otávio, defendia os confins germânicos do império, ao longo do Reno.

1 13 Deus da guerra, o Ares dos Gregos. Pai mitológico de Rômulo, é, portanto, o feroz inspirador das virtudes guerreiras dos Romanos. Também em II, 283.

## Referências

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina*. 12. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.
- BORNECQUE, Henri e MORNET, Daniel. *Roma e os Romanos: literatura, história, antiguidades*. Ed. revista e atualizada por A. Cordier. Trad. Alceu Dias Lima. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1976.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1986/7, 3 v.
- BRITO, Gilda S. de. *Literatura latina: síntese histórica*. 3 ed. Rio de Janeiro: 1982.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.
- CAROSELLI, M. R. *Le "Georgiche" virgiliane e l'agricoltura italica in età romana*. Milano: 1970.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 4 ed. Rio de Janeiro: MEC, 1967.
- FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- GRANT, Michael. *History of Rome*. New York: Charles Scribner's Sons, 1978.
- GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1969.
- HARVEY, Sir Paul, dir. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica*. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- JARDÉ, A. *A Grécia antiga e a vida grega*. Trad e adapt. Gilda M. R. Starzynski. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1977.
- JOHNSTON, P. A. Vergil's Agricultural Golden Age: a Study of the Georgics. In: *Mnemosyne*, suppl. LX. Leiden: 1980.
- LIPPARINI, Giuseppe. *Sintaxe latina*. Tradução e adaptação do Pe. Alípio R. Santiago de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 1961.
- MILES, G. B. *Virgil's "Georgics". A new interpretation*. Los Angeles: Berkeley, 1980.
- MOUNIN, Georges. *Os problemas técnicos da tradução*. Tradução de Heloísa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975.
- NOEL, Fr. *Dictionarium Latino-Gallicum*, composé sur le plan de l'ouvrage intitulé *Magnum Totius Latinitatis Lexicon*, de Facciolati. Paris: Le Normant: 1843.
- . *Dictionnaire Français-Latin*. Paris: Le Normant, 1841.
- NOVISSIMO DICIONARIO LATINO-PORTUGUEZ, redigido segundo o plano de L. Quicherat, 2 ed. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, s/d.

- PARATORE, Ettore. *Ricerche sulle "Georgiche"*. Torino: 1946.
- PEPE, L. et alii. *Le "Georgiche", poema della razionalità*. Roma: 1974.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica* (v. 2: Cultura romana). Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1984.
- RAVIZZA, Pe. João. *Gramática latina*. 14. ed. Niterói: Escola Industrial Dom Bosco, 1958.
- VIRGILIO. *Bucolice*. Introd. Antonio La Penna. Trad. e note Luca Canali. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1983.
- VIRGILE. *Énéide*. Texte établi par Henri Goelzer et traduit par André Bellessort. Paris: Les Belles Lettres, 1967, 2 v.
- VIRGILE. *Géorgiques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1968.
- VIRGILIO. *As Georgicas*. Trad. Antonio Feliciano de Castilho. Notas de Otoniel Mota. São Paulo: Heros Graphica Editora, 1930.
- VIRGILIO. *Georgiche*. Introd. Antonio La Penna. Trad. Luca Canali. Note al testo Riccardo Scarcia. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1983.
- WILKINSON, L. P. *The Georgics of Vergil: a critical survey*. Cambridge: 1969.